



ESTADOS UNIDOS

Trump no banco dos réus

Em campanha eleitoral para tentar voltar à Casa Branca, republicano se torna o primeiro ex-presidente norte-americano a ser julgado criminalmente, acusado de suborno de ex-atriz pornô. Na chegada ao tribunal, denunciou um "ataque" ao país

A pouco menos de seis meses das eleições em que tentará retornar à Casa Branca, o republicano Donald Trump se tornou, ontem, o primeiro ex-presidente dos Estados Unidos a enfrentar um julgamento criminal. O magnata está no banco dos réus em um processo no qual é acusado de esconder um suborno à ex-atriz pornô Stormy Daniels para comprar seu silêncio sobre uma relação extraconjugal e, assim, proteger sua campanha de 2016, em que derrotou Hillary Clinton. A ação penal é uma das quatro a que Trump responde e pode influenciar seu destino político.



O país é comandado por um homem incompetente, que se envolveu muito neste assunto. É um ataque contra um adversário político. Por isso, me sinto muito honrado de estar aqui"

Donald Trump, magnata republicano

Eram 9h30 quando Donald Trump entrou na sala 1530 do tribunal com um rosto tenso e sério. Vestindo terno azul, camisa branca e gravata vermelha, e com pequeno broche da bandeira americana posicionado em sua lapela, o 45º presidente dos Estados Unidos se levantou, em silêncio, quando o juiz de origem colombiana Juan Merchan declarou o início da sessão.

"Queremos que seja feita justiça, é tudo o que queremos", declarou Merchan, em tom sereno. Trump manteve o olhar fixo no magistrado, que classificou como "corrupto" recentemente nos últimos dias em sua rede Truth Social, após ver rejeitado o pedido de afastamento de Merchan do processo.

Avisos

Após um debate sobre as provas a serem apresentadas, o juiz se dirigiu ao ex-presidente para informá-lo de que "tem o direito de estar presente no julgamento, compreende?". Trump assentiu com a cabeça. Merchan também advertiu o magnata de que ele poderá ser acusado por desacato e ser preso se interromper os debates. O julgamento deve durar entre seis e oito semanas.

Aos 77 anos, o republicano terá seu destino decidido por 12 jurados e seis suplentes, que começaram a ser selecionados, ontem, entre 500 candidatos. Dos primeiros 96 que entraram na sala

AFP



Getty Images via AFP



Manifestantes pró e contra Trump em frente à Corte Criminal de Manhattan, em NY

de julgamento, mais de 50 disseram que não seriam imparciais e foram dispensados antes do fim do primeiro dia.

Escolhidos por sorteio, os postulantes são identificados por um número para ocultar seus nomes por razões de segurança e devem completar um questionário minucioso sobre suas preferências políticas, os meios pelos quais se informam, e sua imparcialidade e capacidade para definir o destino de um dos políticos mais influentes dos últimos tempos, tanto para os Estados Unidos quanto para o resto do mundo. A seleção deve durar vários dias.

Segundo a acusação, Trump ocultou o pagamento US\$ 130 mil (em torno de R\$ 674 mil) a Stormy Daniels. O magnata não foi denunciado pelo repasse do dinheiro em si, mas por disfarçá-lo como despesas legais da Trump Organization, a empresa da família, o que pode resultar em uma pena de até quatro

anos de prisão.

No processo, intitulado "O povo do estado de Nova York contra Donald J. Trump", o milionário enfrenta 34 acusações por supostamente falsificar documentos que, segundo os promotores, foram usados para ocultar os pagamentos. O ex-presidente nega não só que tenha tido relações sexuais com Daniels como também qualquer acordo fraudulento de confidencialidade com a ex-atriz de filmes adultos.

A sentença, no entanto, não seria um obstáculo para sua candidatura nas corridas à Casa Branca, quando enfrentará pela segunda vez o democrata Joe Biden, nem para que exerça a presidência, caso seja eleito. "Nossos inimigos querem tirar minha liberdade porque nunca permitirei que tirem a de vocês", declarou a seus eleitores no sábado, em um comício na Pensilvânia.

AFP

Fora do tribunal, isolados pela polícia, alguns apoiadores se manifestaram a favor do político cujos problemas legais, longe de afetar sua corrida pela presidência, parecem reforçá-la ainda mais. Shawn, um dos simpatizantes que compareceram, afirmou: "Estamos chegando a um ponto realmente ridículo. Estou tentando impedir que um oponente político ganhe", afirmou à AFP.

Já Jamie Bauer, uma crítica ao ex-presidente, argumentou, pelo contrário, que a "interferência eleitoral" ocorreu no pagamento pelo silêncio "para encobrir informações que ele considerava prejudiciais para sua campanha".

Outros processos

Trump responde ainda a outros três processos criminais pendentes, que totalizam 91 acusações. Ele deve enfrentar dois julgamentos — um na Geórgia e outro em um tribunal federal em Washington, pelas supostas tentativas ilegais de reverter os resultados das eleições presidenciais de 2020. A terceira ação está relacionada com a posse de documentos confidenciais quando deixou a Casa Branca, em 2021.

A realização dos julgamentos desses casos antes das eleições presidenciais é incerta, após vários adiamentos devido a recursos apresentados pelos advogados do republicano.

No início deste mês, o ex-presidente pagou uma fiança de US\$ 175 milhões (R\$ 884 milhões) perante a Justiça dos Estados Unidos, para evitar o embargo de suas propriedades após ter sido condenado em um caso de fraude financeira, segundo documentos judiciais.

Em meados de fevereiro, Donald Trump foi multado em US\$ 454 milhões (R\$ 2,29 bilhões) com seus filhos Eric e Don Jr. por irregularidades dentro de seu império imobiliário, a Trump Organization.

TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Israel pede união contra o Irã

Alvo de pressão diplomática para evitar o risco de uma escalada bélica no Oriente Médio, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, conclamou, ontem, a comunidade internacional a "permanecer unida" diante do ataque do Irã ao país no fim de semana. O governo israelense confirma que haverá revide. A questão é como dosar essa resposta. Em mensagem difundida na rede X, o gabinete de Netanyahu destacou que "a agressão" iraniana "ameaça a paz mundial".

Os mais de 300 drones e mísseis lançados desde o Irã contra o território israelense na madrugada de domingo foram uma represália ao bombardeio da embaixada da República Islâmica em Damasco, na Síria. Desde então, Netanyahu vem participando de longas reuniões com seu Gabinete de Guerra e contatos com o principal aliado, os Estados Unidos.

Ontem, o porta-voz do Exército de Israel, Daniel Hagari, deu as primeiras declarações oficiais sobre o bombardeio à representação diplomática na capital síria. "O que sei é que aqueles que morreram em Damasco eram membros da Força Quds, pessoas envolvidas em terrorismo contra o Estado de Israel. Entre esses terroristas, havia membros do Hezbollah e assessores iranianos. Não havia um único diplomata ali, pelo que sei. Não sei de nenhum civil que tenha morrido nesse ataque."

300

Número estimado de drones e mísseis lançados pela República Islâmica contra o território israelense no fim de semana

Nas horas que se seguiram à retaliação iraniana, o ministro israelense da Segurança Interna, Itamar Ben Gvir, um político de extrema direita do partido Poder Judaico, pediu uma ação "esmagadora". Não há consenso, porém, sobre a calibragem da reação.

Washington afirmou que deseja evitar uma propagação do conflito no Oriente Médio e alertou que não vai participar de uma contraofensiva ao Irã. O governo de Joe Biden declarou, ontem, que a ação foi "um fracasso impressionante" para Teerã. Segundo o Exército de Israel, 99% dos projéteis foram interceptados.

Outros aliados de Israel, como França e Reino Unido, que contribuíram para barrar o ataque, também se distanciaram. "Não apoiamos um ataque em represália", declarou o chefe da diplomacia britânica, David Cameron, ao canal BBC. Já o presidente francês, Emmanuel Macron, fez um apelo para que as partes evitem uma "conflagração".

Alerta

Teerã, por sua vez, advertiu Israel que qualquer ação "temerária" terá uma reação "muito mais forte". O porta-voz da diplomacia iraniana, Nasser Kanani, afirmou que o Ocidente, na verdade, deveria "agradecer pela moderação" da República Islâmica, que, ontem, celebrou nas ruas o ataque do fim de semana.

Na avaliação de especialistas, o dilema para Netanyahu é grande. Para não incomodar os aliados, Israel poderia adiar uma possível represália. "Seria útil manter essa aliança de defesa ocidental, sunita e israelense quase sem precedentes, o que favorece uma moderação", ressaltou o ex-analista do Ministério das Relações Exteriores de Israel e vice-diretor da revista especializada *Fathom*, Calev Ben-Dor.

"Ao mesmo tempo, você não pode ser atacado por mais de 300 mísseis no Oriente Médio e não fazer nada", ponderou Ben-Dor. "Acredito que Israel irá devolver o golpe em algum momento, provavelmente de forma mais encoberta do que pública, no momento e local que escolher", opinou.

O pesquisador do Instituto Francês de Relações Internacionais (Ifri) Jean-Loup Samaan projetou que não vai haver uma ação frontal, porque ela não contaria com a aprovação dos Estados Unidos.



Em Teerã, mulher exhibe foto do aiatolá Ali Khamenei durante celebração por ataque

Gaza

O Exército de Israel afirmou que o ataque iraniano não o desviará do objetivo de eliminar o Hamas, aliado do Irã. O conflito explodiu quando combatentes do movimento islamista palestino atacaram o sul de Israel em 7 de outubro e mataram 1.170 pessoas, a maioria

civis, segundo dados oficiais israelenses. Também fizeram 250 reféns, dos quais 129 permanecem no enclave.

Em resposta, o governo de Netanyahu prometeu "aniquilar" o Hamas e lançou uma ofensiva implacável que já deixou 33.797 mortos no território palestino, a maioria civis, segundo levantamento do movimento islamista.